

REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM A HISTÓRIA SEM FIM

Rosane Werner*

RESUMO

A representação da infância na literatura é um dos meios de reflexão sobre o relacionamento entre adultos e crianças. Através da literatura infantil efetivou-se a valorização da criança no contexto social, tornando-a centro de um processo, no qual as características desta fase da vida passaram a ser vistas como fundamentais para o seu desenvolvimento enquanto pessoa. A *história sem fim* mostra o personagem Bastian Baltasar Bux, que busca através dos livros compreender sua própria vida e entender o processo de amadurecimento pelo qual está passando. Michael Ende traduz com propriedade a infância, que é entendida por todos nós, pelo fato de já termos passado por este processo de crescimento. O trabalho aqui desenvolvido revela o papel da criança na narrativa, sua posição de valor em relação ao adulto e mostra como se representa a educação infantil através da família e da escola.

Palavras-chave: representação da infância, literatura infantil, família e escola.

ABSTRACT

Representing childhood in literature is a way of thinking about the relationship between adults and children. Literature for children helps in giving a new and strong appreciation to childhood in a social context. Childhood becomes recognized and considered as fundamental for human being self-development. In *Never-Ending Story* the character Bastian Baltasar Bux seeks to understand his own existence through books. Michael Ende describes

* Acadêmica do curso de Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul.

childhood with great property and in a way that any reader understands because it is a stage of life that everybody has experienced. This work focuses on the role of the child in the story, his/her importance as related to the adults, and also demonstrates children education through family and school.

Keywords: childhood representation, children literature, family and school.

INTRODUÇÃO

A literatura infantil surgiu pela necessidade de integrar a criança na sociedade. Em consequência disso houve uma profunda transformação da literatura contemporânea, destinada aos adultos. Desse modo, os clássicos infantis passaram a ser os contos maravilhosos e os contos de fadas, enfim compilados, e as obras literárias adultas adaptadas à capacidade cognitiva do leitor infantil.

Mas, como a literatura infantil foi e é escrita pelo adulto, ela não perdeu o seu caráter de transmissora de valores, ao mesmo tempo em que mantém o aspecto maravilhoso da fábula, dos mitos e das lendas. Através do elemento simbólico que configura as narrativas infantis, a literatura infantil se mostra atraente e leva ao seu principal destinatário, a criança, o prazer da leitura.

Essa facilidade de a literatura infantil falar das ilusões, dos sonhos, da fantasia, das aventuras é que ajuda as crianças e os adultos a transcenderem, através da ficção, suas limitações como seres humanos e, dessa forma, compreenderem fatos relacionados às suas vidas, fazendo-os construir uma nova visão da vida e, conseqüentemente, trazer um amadurecimento concreto.

Com base no acima exposto, buscamos a obra *A história sem fim*, caracterizada como literatura infantil, para melhor compreender se o surgimento da literatura específica para a criança significa a ampliação de seu lugar na família e na sociedade; observar se o narrador apresenta o perfil de criança como relevante para a história; verificar se o adulto está representado em posição de superioridade ou igualdade em relação à criança na narrativa e revelar se há, na narrativa, diferença na representação da educação infantil que se realiza via família e a que acontece através da escola.

A preferência por esta obra se deu em virtude de ela, mesmo sendo caracterizada como literatura infantil, capturar o leitor de qualquer idade, projetando-o para dentro de sua própria realidade infantil, seja ela qual for, pois a obra mantém vivo o sentimento de liberdade inerente a qualquer ser humano. Por isso, a característica fundamental da literatura infantil ou adulta é ultrapassar

o tempo mantendo-se sempre atual.

Por intermédio deste trabalho monográfico, conseguimos perceber que a obra analisada consegue espelhar a noção de infância para o leitor, pois é tão bem construída por Michael Ende, que nos faz compreender que a criança, em sua infância, ambiciona ser vista e aceita como é, física e psicologicamente. Embora seja um indivíduo de vivência menor, isso não significa que deva ser considerado pelo adulto um sujeito necessitado de atenção menor.

A CRIANÇA E O LIVRO SEM FIM

A história sem fim,¹ foco deste trabalho monográfico, foi o livro de maior sucesso do escritor alemão Michael Ende (1929-1995) e que encantou leitores por todo o mundo. Por sua beleza, deu origem a um filme de mesmo nome em 1984.

O livro narra as aventuras de Bastian Baltasar Bux, um menino de estatura baixa, gordo, cabelo castanho-escuro, de idade entre 10 e 11 anos, com problemas de relacionamento na família e na escola. Na família, após a perda da mãe, Bastian não conseguia manter diálogo com o pai, porque este sempre estava bastante envolvido com o trabalho. Tomado de tristeza, tratava Bastian com indiferença, o que fazia com que o menino se sentisse muito solitário.

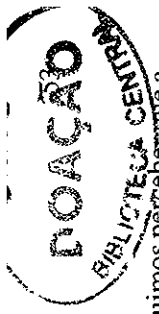
Bastian lembrava-se de que antigamente seu pai gostava de brincar com ele. Por vezes, contava-lhe ou lia-lhe histórias. Mas isso era antes. Agora não conseguia falar com o pai. Era como se estivesse rodeado por um muro invisível que ninguém era capaz de transpor. (p. 30)

Na escola, Bastian não conseguia manter amizade com os colegas, porque eles o viam como um objeto de gozação devido à sua aparência física e, também, por ele demonstrar atitudes desajeitadas:

- Gordo, Gordão! Parece um balão! Quando sobe na árvore se esborracha no chão! (p. 4)

¹ ENDE, Michael. *A história sem fim*. Tradução de Maria do Carmo Cary. 3. ed. São Paulo: Fontes, 1986.

Todas as citações, a partir de agora, que indicarem somente a página do livro, foram extraídas da edição acima.



Um dia, como estava chovendo, Bastian, para fugir da perseguição dos colegas, ao mesmo tempo em que esperava o início das aulas, entrou numa loja e se deparou com estantes, que iam do chão ao teto, abarrotadas de livros de diferentes tamanhos e formas. Bastian, então, percebendo que havia alguém no fundo do corredor, foi em sua direção. Encontrou um senhor calvo, de rosto vermelho e com o nariz saliente que sustentava óculos pequenos. Na boca, esse homem tinha um cachimbo que forçava os lábios para o lado.

Começaram a conversar, mas o diálogo entre os dois foi hostil, porque o livreiro, de nome Karl Konrad Koreander, não gostava de crianças e foi logo dizendo que não tinha livros para elas e que não venderia outros livros para o menino. Com isso, Bastian fez menção de ir embora, mas, sentindo vontade de protestar, num súbito gesto, virou-se, respondendo ao Sr. Koreander que nem todas as crianças eram iguais:

Eu só queria dizer que nem todas as crianças são assim como o senhor disse. (p. 3)

O Sr. Koreander, nesse instante, levantou a cabeça, tirou os óculos, questionando Bastian sobre o que era preciso fazer para se livrar dele.

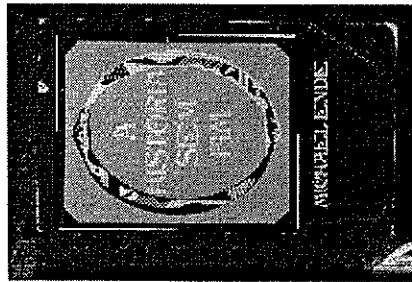
- Você ainda está aí? Diga-me uma coisa: o que é preciso fazer para eu me ver livre de você? O que você tinha de tão importante para dizer? (p. 3)

Assim, começaram a conversar. Numa certa altura da conversa, o telefone tocou e o Sr. Koreander foi atender, deixando o livro que estava lendo sobre a poltrona. Bastian, que se encontrava na sala sozinho, não entendia porque não conseguia ir embora, mesmo sabendo que suas aulas já estavam por começar. Então, percebeu que o tempo todo estivera olhando para aquele livro deixado pelo Sr. Koreander na poltrona.

Mesmo tendo como paixão os livros, aquele o cativava ainda mais. Quando o tocou, Bastian sentiu dentro de si um sinal que o fez pegar o livro e começar a observá-lo cuidadosamente. Viu que sua capa era de seda cor-de-cobre e que brilhava quando ele o mudava de posição. Na capa estavam desenhadas, ainda, duas serpentes, uma clara e outra escura, mordendo a cauda uma da outra e formando, com isso, uma espécie de símbolo. Dentro deste símbolo Bastian leu a inscrição: *A história sem fim*.

Só nesse momento, nós, leitores da obra de Michael Ende, percebemos que estamos sendo conduzidos por uma narrativa que nos faz vivenciar as mesmas experiências do protagonista, pois, tanto o título quanto as ilustrações e a capa do

livro que Bastian encontra são as mesmas da obra que estamos lendo, como podemos ver na ilustração reproduzida a seguir.



Bastian, despertado por um interesse súbito, porque *ali estava uma coisa com a qual ele já havia sonhado muitas vezes, que tinha desejado do muitas vezes desde que dele se apoderara aquela paixão secreta: uma história que nunca acabasse!* O livro dos livros! (p.7), saiu correndo da livraria com o livro embaixo de seu agasalho e foi até o colégio se refugiar no sótão, onde deu início à leitura.

Esta leitura o conduz a um lugar chamado Fantasia, onde encontra criaturas estranhas e lugares surpreendentes. As aventuras o levam para Fantasia com a finalidade de acabar com o nada, representado por uma compacta névoa, que ameaça destruir este reino mágico, e encontrar a cura para a imperatriz Criança.

A imperatriz Criança é apresentada como uma menina muito frágil e preciosa. Ela tem o aspecto de uma pessoa bela e pura, mas está doente. Seus olhos são da cor do ouro escuro e seus cabelos são compridos, lisos e brancos como a neve. Ela nunca demonstra preocupação ou inquietação. A doença que tem está relacionada com Fantasia, porque somente a imperatriz Criança pode manter vivo este reino.

Também nós, leitores, iniciamos aqui, juntamente com Bastian, a leitura deste livro maravilhoso: *A história sem fim*, que neste momento está em nossas mãos como o próprio Sr. Koreander afirma:

- Uma coisa é certa: você não me roubou este livro, porque ele não pertence a mim, nem a você, mas a alguma outra pessoa. Se não estou enganado, ele deve ter vindo de Fantasia. Quem sabe. Talvez, neste preciso momento, alguém o tenha nas mãos e o esteja lendo. (p. 390)

A primeira história do livro que Bastian está lendo é a mesma que nós estamos lendo. Conta que a imperatriz Criança está muito doente e que ninguém em Fantasia consegue descobrir a origem e o que venha a ser a sua doença. Ela, então, envia Cairon, um centauro, para encontrar Atreú, um jovem guerreiro que mora com o "Povo da Erva" ou os "Peles-Verdes".

Atreú tem cabelos de tom negro-azulado, compridos e trançados; a cor da

pele é verde-escuro, puxando para castanho. A personagem leva uma vida muito modesta, dura e severa, foi educada na coragem, na nobreza e no orgulho e aprendeu a suportar o frio, o calor e grandes privações. Por ser muito corajosa, recebeu a missão de encontrar a cura para a doença da imperatriz Criança, trazendo um filho de homem para Fantasia, o qual deveria dar um novo nome à menina.

Em *A morfologia do conto maravilhoso* (1984), de Propp, encontramos uma explicação para a introdução da personagem Atreú como um mensageiro da imperatriz Criança na obra. Esse tipo de narrativa costuma apresentar personagens que possuem

grandezas constantes e grandezas variáveis. O que muda são os nomes (e, com eles, os atributos) dos personagens; o que não muda são suas ações, ou funções. Daí a conclusão de que o conto maravilhoso atribui frequentemente ações iguais a personagens diferentes. (p. 25)

Segundo Propp, aquela que doa o elemento mágico é a personagem provedora, porque concederá ao herói buscador um objeto (*geralmente um meio mágico*) que *lhe permite superar o dano sofrido* (p. 41). Neste caso a doadora é a imperatriz Criança, pois concede a Atreú um medalhão, um vínculo entre eles, dando início às suas aventuras:

Todos os habitantes de Fantasia conheciam o significado daquele medalhão: era o distintivo do enviado da imperatriz Criança, que podia agir em seu nome como se ela própria estivesse presente. Significava que conferia ao portador poderes secretos, se bem que ninguém soubesse ao certo quais eram. Todos sabiam o nome desse distintivo: AURIN. (p. 32)

A tarefa difícil, a qual é submetida a personagem Atreú, é definida por Propp como a partida do herói que tem por finalidade uma façanha. No livro *A história sem fim* essa façanha é nomeada como “a Grande Busca”. Da mesma forma que Atreú foi encarregado da Grande Busca, Bastian, ao ler *A história sem fim*, também entendeu que *tinha partido para a Grande Busca, e não sabia até onde ela podia levá-lo, nem como poderia acabar* (p.39). Num terceiro plano ficamos nós, os leitores, que também temos uma “Grande busca”: a de continuar a leitura.

E esse livro era *A História Sem Fim* que ele próprio lera enquanto estava no sótão. Talvez tudo o que se passava com ele agora também viesse no livro. Podia muito bem acontecer de outra pessoa lê-lo um dia... ou de o estar lendo naquele mesmo momento. (p. 192)

Enquanto Atreú vivencia as aventuras de sua missão, Bastian também as vive. Os problemas enfrentados pelas personagens são semelhantes e vão aproximando-as. A doença da imperatriz Criança é associada por Bastian à doença de sua mãe:

Lembrou-se de repente do corredor comprido da clínica onde sua mãe tinha sido operada. Por horas a fio ele ficara esperando ali sentado, em frente da sala de operações (...). Ninguém parecia saber ao certo como ela estava. (p.30)

Do mesmo modo que a mãe de Bastian adoeceu, a imperatriz Criança também estava muito doente. Mas, assim como a imperatriz Criança não poderia morrer para que Fantasia não acabasse, Bastian gostaria que sua mãe também não tivesse morrido.

Zilbermann, em *A literatura infantil na escola* (1982), aborda a questão de a criança ter primeiramente a família como seu grupo social, mostrando que será na família que ela irá aprender os valores que servirão como base para a compreensão do universo em que vive. A autora informa ainda que somente a partir do século XVIII as crianças e as mulheres gozaram de maior liberdade no lar, o que fez a família burguesa reforçar o papel da esposa com o propósito de ela assumir a função materna no ambiente doméstico e garantir a educação das crianças. Assim, a valorização familiar ganhou espaço também nas histórias infantis, porque o cotidiano da burguesia foi usado como fonte para as histórias.

Com a burguesia, criou-se um novo conceito familiar que compreendia o pai, a mãe e o filho, cada um desempenhando um papel específico. Nesse contexto inicial, cabia ao pai a busca de recursos financeiros, à mãe, o cuidado com a alimentação e a educação e, ao filho, a obediência. Com isso, a profissionalização se tornou meio de sobrevivência e essa situação apareceu representada na obra:

Tentou imaginar seu pai, sentado no grande aposento em que trabalhava. À sua volta havia dezenas de moldes de gesso de dentaduras humanas, pois seu pai era dentista. Bastian nunca tinha pensado se seu pai gostava ou não do trabalho que fazia. (p. 8)

Na obra a figura materna também é enfocada, mas o livro relata sua perda e, em consequência disso, a dissolução do reino familiar de Bastian:

Bastian compreendia que seu pai estava triste. Também ele tinha chorado noites inteiras, tanto que chegara a vomitar com os soluços... mas isso, pouco a pouco, tinha passado. E ele não tinha morrido. Por que seu pai não falava com ele, por que não lhe falava de sua mãe, de coisas importantes, e não apenas do imprescindível? (p. 31)

O problema da carência afetiva é abordado no livro porque, na verdade, Bastian não quer que Fantasia acabe, pois sabe o que vai acontecer às pessoas caso isso ocorra: vão ficar infelizes como o pai dele é, por sua vez, ele também.

A *história sem fim* mostra a ocorrência de uma estrutura familiar esfacelada, baseada somente em vínculos de afeto com o pai-progenitor. Bastian, por não aceitar essa transformação na família, via na personagem Ana, empregada da família, a possibilidade da reconstituição de seu lar conforme o padrão estipulado pela sociedade: pai, mãe e filhos.

A senhora Ana vinha três vezes por semana, ajudava seu pai com os escritos e arrumava a casa. Geralmente, também cozinhava alguma coisa ou fazia um bolo. Era uma pessoa robusta, que falava e ria alto, despreocupadamente. O pai era muito delicado com ela, mas, de resto, parecia quase não se dar conta de sua presença. Às vezes, se bem que muito raramente, ela conseguia fazê-lo sorrir. Quando isso acontecia, era como se a casa se tornasse um pouco mais iluminada. (p. 126)

A nova união familiar teria sua continuidade em laços puramente formais, mas a "representação" familiar não perderia o significado para Bastian. Porém, o desejo de Bastian não se concretiza e o relacionamento familiar pai e filho também acaba. Esses acontecimentos não são compreendidos por ele, o que o faz cultivar a solidão e sentir-se um rejeitado. Na história lida por Bastian, o fato de ordem emocional é mostrado através da personagem Atreú, que significa "filho de todos". Atreú, no entanto, é órfão de pai e mãe, mas vive uma situação similar à da personagem Bastian:

Mas Atreú tinha sido criado por todos os homens e todas as mulheres e era o "filho de todos", enquanto ele, Bastian, no fundo não tinha ninguém (...) Era um "filho de ninguém". (p. 38)

Com essa constatação, podemos dizer que Bastian ainda se encontra imaturo para a percepção do real. Como leitores, entendemos a tristeza de Bastian, porque já passamos pela fase em que ele transita - a infância - e sabemos o quanto é difícil crescer. Mas o fato de Michael Ende (autor do livro) criar a personagem Bastian revela a sua profunda consideração por essa fase (infância), valorizando-a como etapa que também apresenta complexidades.

Sabemos que o pensamento da criança se aproxima ao do homem primitivo, pois a criança faz uso do caráter imaginativo para conseguir compreender o mundo através da presença do elemento maravilhoso, e o homem primitivo se vale dos mitos para explicar a vida e o mundo, transcritos nas lendas mitológicas. Coelho, em *A literatura infantil* (1982), nos explica que

no povo (ou no homem primitivo) e na criança, o Conhecimento da realidade se dá através do *sensível*, do *emotivo*, da *intuição* (...) e não, através do racional ou da inteligência intelectual, como acontece com a mente adulta e culta. Em ambos predomina o *pensamento mágico*, com sua lógica própria. Daí que o popular e o infantil se sintam atraídos pelas mesmas realidades. (p. 20)

A literatura infantil busca no mito e no folclore suas fontes. O processo de criação se dá primeiramente pela adaptação dos clássicos, que vão sofrer compilação no final do século XVII, período em que a noção de infância torna-se mais clara e surge a necessidade de oferecer aos pequenos uma literatura específica para um único destinatário: a criança.

A adaptação se dá em quatro níveis diferentes: a adaptação do assunto, da forma, do estilo e do meio. O assunto é primordial para o entendimento do texto, uma vez que o leitor-criança tem compreensão e vivências limitadas. O conteúdo precisa ser de alguma forma doutrinário para que estimule o leitor em seus atos comportamentais e o faça aceitar os valores sociais, colaborando desta forma na socialização. Assim, a literatura mantém o caráter educacional.

A adaptação da forma se dá porque o enredo deve ser linear, evitando descrições longas, levando em consideração as condições de percepção do real, os interesses do leitor e a coincidência com as suas expectativas. O estilo, por sua vez, se faz adaptado a partir do respeito ao domínio cognitivo do leitor, por isso o vocabulário e a formulação das frases devem coincidir com o estilo infantil.

Já a adaptação do meio deve dar relevância à aparência interior e exterior do livro. As ilustrações ganham formas e colorido, as letras são grandes e bem desenhadas e o papel, de diferentes espessuras e tamanhos, ganha brilho para assim poder competir com o mercado publicitário e se mostrar mais atraente aos

olhos de seu leitor.

Mesmo com esse processo de adaptação dos contos do adulto para a criança, os textos mantiveram o elemento maravilhoso, o sobrenatural, porque é ele que proporciona a sensação de prazer, ativa as emoções e dá impulso à imaginação. Desta forma, podemos explicar a importância do aparecimento das figuras mitológicas como o Dragão da Sorte, criatura do ar e do fogo; os Gigantes dos Ventos (o norte Lirr, o leste Báureo, o sul Schirk e o oeste Mayestril); o velho centauro Cairon, metade homem metade cavalo, entre outras que são apresentadas na obra *A história sem fim*.

Atreiú, então, no transcorrer das aventuras, passa pelo Bosque de Haule, onde encontra os Come-Rochas, gigantes em forma de rochas que usam a pedra para fazer tudo o que precisavam: móveis, chapéus, sapatos, ferramentas; o Fogo-Fátuo, que pertencia a uma família que deixava alguma coisa a desejar do ponto de vista da credibilidade e honestidade; os Minúsculos; os Gnomos e as Troles, árvores deformadas, significando a destruição.

Esse último cenário pelo qual transita Atreiú é um recurso de adaptação do assunto e da forma, usado pelo autor para transmitir a mensagem de destruição do reino de Fantasia a Bastian, através da deformidade das árvores.

Da floresta saíam três grandes troles, cujo aspecto lhe causou arrepios. O primeiro não tinha pernas nem barriga, e por isso tinha de andar sobre as mãos. O segundo tinha um grande buraco no peito, através do qual se podia ver o outro lado. O terceiro saltava sobre a sua única perna, a direita, pois não tinha a metade esquerda; era como se o tivessem cortado ao meio. (p. 48)

A forma de caracterização da própria natureza facilita para a criança a compreensão dos fatos, pois parte de uma experiência onde ela se situa como participante, como explica Sosa em *A literatura infantil* [s.d.]:

A criança não se conforma com metamorfosear os objetos que servirão às suas intenções, mas trata de animá-los, de dar-lhes caráter, personalidade, fala, sejam eles animais ou coisas. (p. 84)

O guerreiro Atreiú vai também ao País dos Sassafrases e entra no velho templo de Moamath, onde as pessoas nascem velhas e morrem quando chegam à idade de bebês. Encontra a Montanha de Corno, que se ergue no centro do Pântano da Tristeza, onde fala com a Velha Morla que vê somente tristeza e o

manda para o Oráculo do Sul falar com Uiuulala, voz cantante. No Pântano, Atreiú perde seu companheiro de viagem, o cavalo Artax.

Após muito vagar sem destino, ele reconhece que está nas Montanhas Mortas e a sua frente se abre o Abismo Profundo, onde encontra Ygramul, o Múltiplo, o mais terrível dos monstros. Ygramul diz a Atreiú que ele não viveria o suficiente para chegar ao Oráculo do Sul e propõe a Atreiú deixar-se picar por ele para assim chegar ao seu destino:

-o veneno de Ygramul, continuou a voz, mata ao fim de uma hora, mas, ao mesmo tempo, confere àquele que o tem em si o poder de se deslocar até qualquer lugar de Fantasia onde deseje ir. (p. 66)

Atreiú concorda e, após algum tempo, volta a ter consciência. Percebe que está agora numa planície vazia, onde é ajudado por dois colonos, a velha Urgle Enguivuck, que salvam Atreiú e Fuchur do veneno de Ygramul.

Fuchur é um Dragão da Sorte que ouve a conversa de Atreiú e Ygramul. Ao também ser picado por Ygramul, deseja ir ao Oráculo do Sul para ajudar Atreiú em sua busca. O Dragão da Sorte é uma criatura do ar e do bom tempo, de uma alegria incontida e, apesar do seu enorme tamanho, é leve como uma nuvenzinha de verão. Sua voz parece o alegre repicar de um grande sino e, quando fala baixinho, é como ouvir um sino repicando a distância. Atreiú é orientado por Enguivuck sobre o desafio das três portas: a Porta do Grande Enigma, a Porta do Espelho Mágico e a Porta Sem Chave.

O fato de a personagem ter que se defrontar com três portas é significativo. O *Dicionário de símbolos* (1998) nos explica que a porta simboliza

o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema. A porta se abre sobre o mistério. Mas ela tem um valor dinâmico, psicológico, pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la. É o convite à viagem rumo a um além. (p. 734-735)

Portanto, a porta do Grande Enigma está sempre aberta e *ninguém pode passar para o outro lado a menos que(...)* as *esfinges fechem os olhos* (p. 81). O enigma é simbolicamente a dúvida, que requer de Bastian o esquecimento de toda a vida real (infância) e, assim, a aceitação da mudança (amadurecimento) que no íntimo ele deseja, mas não sabe como fazer para alcançar.

Michael Ende procurou demonstrar a incerteza de Bastian através da

esfinge. No momento em que Bastian está vivendo as aventuras de Atreú, ele precisa enfrentá-las junto com a personagem para assim superar a incerteza e encontrar a serenidade:

Atreú viu, então, que junto desse pilar estava sentada uma grande esfinge, ereta e imóvel. (...) As patas dianteiras, sobre as quais se apoiava, eram de leão, (...) e o seu rosto era de um ser humano... mas só na forma, pois a expressão não refletia uma tristeza infinita, ou ainda uma indiferença total (...). Atreú achou que ela exprimia uma maldade e uma crueldade incensuráveis, mas, pouco depois, teve de reiterar essa impressão, pois nela apenas conseguia encontrar serenidade. (p. 76)

Atreú não desiste de sua Grande Busca e vai em direção à porta. Ao aproximar-se dela, sente medo, medo do incompreensível, porque o símbolo Aurin que carregava não surtiria efeito, uma vez que as esfinges mesmo cegas têm o poder de petrificar as pessoas que as olham nos olhos. Atreú segue sua caminhada de cabeça baixa e, quando sente que está no centro do arco da porta, *o medo o abandonou, tão totalmente e absolutamente, que ele percebeu que dali em diante nunca mais teria medo, acontecesse o que acontecesse.* (p. 88)

Na segunda porta, Atreú acha o Espelho Mágico. O *Dicionário de símbolos* (1998), no verbete espelho, explica que esse

tem como única função refletir uma imagem tornando-se a alma um espelho perfeito, ela participa da imagem e, através dessa participação, passa por uma transformação. Existe, portanto, uma configuração entre o sujeito contemplado e o espelho que o contempla. A alma termina por participar da própria beleza à qual ela se abre. (p. 396)

Da mesma forma fala Enguivuck a Atreú: a porta do Espelho Mágico não está aberta nem fechada, mas quando *as pessoas chegam em frente dela, vêm-se a si próprias (...)* mas não como se veriam num espelho comum, *nada disso! Não vêm sua aparência exterior, mas seu verdadeiro ser interior, tal como ele é na realidade* (p.84).

Assim, Atreú, viu através do espelho

uma coisa para a qual não estava preparado e que também não podia compreender. Um rapaz gordo, de rosto pálido –

aproximadamente da mesma idade que ele – sentado de pernas cruzadas sobre uma cama feita de colchões amontoados, lendo um livro. Estava embrulhado em um velho cobertor cinzento, todo rasgado. Os olhos do rapaz eram grandes e tinham uma expressão muito triste. (p. 88)

A imagem de Bastian refletida no espelho representa a união das personagens Atreú e Bastian em uma só. Bastian está sendo chamado para ocupar o lugar de Atreú, ou seja, se assumir como pessoa, pois todos os problemas enfrentados por Atreú são batalhas interiores de Bastian. Somente assim o menino conseguirá superar o medo, a tristeza e despertar para o novo renascer.

A terceira porta, definida como Sem Chave, é assim descrita:

Não tem trinco, nem puxador, nem buraco de fechadura, nada!

o selênio de Fantasia reage à nossa vontade. É precisamente a nossa vontade que o torna tão resistente. Quanto mais queremos entrar, mais hermética se torna a porta. Mas se alguém conseguir se esquecer de todas as suas intenções e não quiser absolutamente nada... a porta se abrirá sozinha perante essa pessoa. (p. 85)

A intenção do autor, ao criar a terceira porta, é a de realizar o nosso chamamento, enquanto leitores, para também assumirmos o lugar de Atreú, como Bastian, nesta Grande Busca pela salvação do reino de Fantasia. Surpreendos, vemos que a porta aqui descrita é a própria capa do livro que estamos lendo, assim como Bastian também o está lendo:

A porta que via diante de si era pequena e baixa como uma porta comum, e erguia-se isolada – sem paredes que a rodeassem – no meio da planície deserta (...). Parecia feita de um material brilhante, da cor de cobre (...). Também não tinha trinco, nem maçaneta, nem sequer um buraco de fechadura. (p. 89)

As portas têm significado importante, pois o autor, Michael Ende, revela preocupação com a criança como ser em desenvolvimento. Através da representação das portas, trabalha a questão psicológica da criança, para que ela compreenda cada fato de sua vida e aprenda a aceitá-lo. Do mesmo modo, nós,

leitores, também precisamos compreender que para vivenciar Fantasia precisamos querer aceitá-la sem restrições.

Atreiú deixa para trás a porta Sem Chave e chega na Floresta de Colunas, onde o chão tem o formato de mosaico que, pela disposição das peças, assume aparência de desenho. Encontra ali o Uiulala, uma voz cantante que ecoa de lugares diferentes, e, para conversarem, tudo precisa ser dito em forma de poema:

“Bem-vindo, amigo, de agradável fala,
a este lugar fora do teu mundo.
Sou a voz do silêncio, Uiulala,
No Palácio do Segredo Profundo”. (p. 96)

A linguagem poética usada pelo autor revela a necessidade de adaptação do estilo, mostrando sua preocupação com a compreensão da criança. Uma vez que o conhecimento de mundo da criança é limitado, o predomínio da poesia facilita o entendimento e aproxima o texto escrito da linguagem oral. Como na passagem:

“Que és invisível, o sei bem.
Mas e forma, não o tens?”
.....
Pois meu corpo é nota e tom,
Por isso apenas audível,
E nesta voz tens o som
Do meu único ser possível”. (p. 97)

Com esses elementos notamos a tentativa de aproximação do adulto (escritor), através do narrador, com a criança-leitor. Por isso, Michael Ende cria a voz falante, que é interpretada por Atreiú como sendo a voz de uma criança:

“Dize-me logo, sem demora, por que tão triste estás!
Tua voz é de criança. És jovem ainda, não serás? (p. 97)

Em nossa concepção, mesmo as narrativas escritas não devem perder o encanto que a oralidade sempre proporcionou aos ouvintes dos contos narrados:

leiam um conto, não com os olhos, mas em voz alta, e imediatamente perceberão que a voz, como se lhe tivessem dado a nota, assume o tom, o acento, o ritmo do narrador. O texto que relatam não é fixo, morto, mas traz consigo o

movimento e o som da palavra viva. No conjunto das frases, surge com a frequência uma espécie de ritmo muito diferente do da narração escrita, que sustenta maravilhosamente a narrativa oral.²

Michael Ende, revivendo o fator da oralidade na obra, revela a valorização da infância como faixa etária diferenciada em relação ao período adulto. Compreendemos que a fantasia não tem época, nem idade para existir, basta aceitar o convite e vivenciar a leitura:

Mas do outro lado, além de Fantasia,
Existe um reino, o mundo exterior,
De grande riqueza, de um povo moradia,
Que de outra missão é cumpridor.
Os filhos de Adão, justo é o nome
Dos habitantes do mundo da Terra.
As filhas de Eva, a raça dos homens,
Cujo sangue a Palavra encerra.
Desde os primórdios possuem todos
O dom de as coisas nomear.
E à imperatriz Criança, em tempos outros,
Podiam eles vida e nome dar.
E davam-lhe lindos nomes,
Mas há muito tempo atrás,
Pois vinham à Fantasia, os homens,
E o caminho são [sic] sabem mais.
Esqueceram-se de que existimos,
Em nós deixaram de crer.
De lá viesse um ser pequenino.
Para nosso problema, então, resolver! (p. 99-100)

Assim como a criança consegue viver um sonho realisticamente, o adulto também é chamado para não esquecer que dentro dele a criança ainda existe e, assim, como é capaz de sonhar, também é capaz de vivenciar um sonho, sentir o prazer da imaginação. Entretanto, como este chamado não é atendido nem por Bastian, nem por nós, leitores, Fantasia continua a ser destruída:

a procissão se compunha de gnomos, duendes e fantasmas.
Havia também vampiros e muitas bruxas, algumas velhas,

² PELLINSON, M. apud SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil*. São Paulo: Cultrix, [s. d.], p. 22-23.

com grandes corcundas e barbas de bode no queixo, mas outras novas, bonitas, embora de rostos malévolos. (p.118)

as figuras espectrais que enchiam o campo à sua frente...correram todas ao mesmo tempo para o Nada e precipitaram-se, rolaram ou saltaram lá para dentro.(p.120)

Atreiú encontra-se desesperado porque não pode ajudar a imperatriz Criança, uma vez que ele e os demais são somente personagens:

Somos apenas personagens de um livro

E cumprimos o que o autor destinar.

Da história figura e sonho

É tudo o que somos, o que de ser precisamos. (p. 99)

Percebemos que o encantamento de Bastian pela obra *A história sem fim* se deu em função de algumas características que o livro possuía e que o aproximavam da realidade da criança. A personagem confirma essa hipótese quando fala de suas preferências de leitura:

Não gostava dos livros que, com mau humor e acidamente, narravam acontecimentos absolutamente vulgares, da vida absolutamente vulgar de pessoas absolutamente vulgares. Conhecia muito bem tudo isso da sua vida real, por isso não precisava ler essas coisas. Além disso, detestava quando queriam convencê-lo a fazer alguma coisa. E esses livros queriam sempre convencer as pessoas de alguma coisa, de uma maneira mais ou menos óbvia. (p. 21)

Isso explica sua opção pelas novelas de aventuras:

Bastian preferia os livros emocionantes, ou divertidos, ou que falavam à imaginação; livros que contavam as aventuras fabulosas de criaturas fantásticas e em que se podia imaginar tudo o que se quisesse. (p. 21)

Bastian se identifica com as novelas de aventura, porque elas proporcionam um ambiente rico em representações que ativam a imaginação e, assim, através das imagens, ele consegue se expressar. Bastian tinha facilidade de se expressar oralmente, porque o que ele mais gostava era contar histórias, histórias soltas, próprias da criação imaginária. O garoto segue sua leitura e nos faz "ver" Atreiú seguir sua missão: defrontar-se com os Gigantes do Vento, ventos do

norte, leste, sul e oeste, e perguntar onde ficam as fronteiras de Fantasia.

Os gigantes dizem que não existem fronteiras entre Fantasia e o mundo real. Depois, provocam uma grande tempestade na qual Atreiú e Fuchur são engolidos. Atreiú, então, vagueia pela cidade Fantasma, no País dos Espectros, onde encontra Gmork, um lobisomem que tinha sido aprisionado pela princesa Gaya e que tinha a missão de destruir o mensageiro da imperatriz Criança. Quando Atreiú lhe conta que era ele o mensageiro, Gmork dá uma mordida na perna de Atreiú ao mesmo tempo em que morre. Atreiú, não conseguindo se livrar dos dentes do lobisomem, é tomado de desânimo e espera a morte chegar. Fuchur, no entanto, o salva e o leva à Torre de Marfim, morada da imperatriz, para o guerreiro confessar seu fracasso por não conseguir encontrar o filho de um homem para salvar Fantasia.

Quando Atreiú chega à Torre de Marfim, a menina fala com o guerreiro e, ao mesmo tempo, com Bastian, que resiste em ir para Fantasia por faltar-lhe coragem para admitir o desejo: ele sabe que é o filho de homem que Fantasia espera, pois já foi descrito fisicamente na porta do Espelho Mágico.

Assim como Bastian precisa entender esta passagem da infância para a fase adulta, simbolizada na obra pela aceitação do desafio de ir à Fantasia, nós, leitores, também precisamos entender que a fantasia não deve ser esquecida pelos adultos, pois sofreríamos com esta destruição. Na história que estamos analisando, esse esquecimento é representado pelo grande "vazio", chamado nada, que significa a perda do encantamento pelas histórias maravilhosas do tempo de infância:

Não era um lugar ermo, nem uma zona escura ou clara; era algo insuportável à vista e que dava às pessoas a sensação de terem ficado cegas. Pois não há olhos que suportem olhar o nada total. (p. 49)

E há uma profecia, de que raramente falamos, segundo a qual, num futuro longínquo, chegará o dia em que os homens trarão o amor a [sic] Fantasia. Nesse dia, os dois mundos serão um só. (p. 362)

A imperatriz Criança vai para a montanha do Velho Errante como última tentativa de trazer Bastian à Fantasia. O Velho Errante está vestido como um monge e escreve num grande livro de nome *A história sem fim*. Tudo acontece simultaneamente: a escrita do livro *A história sem fim* pelo monge e o desenrolar dos acontecimentos que envolvem as personagens.

Ela pede ao velho que leia a história do livro que está escrevendo e este

lhe diz que, se começar a ler, Fantasia terminará. Mesmo assim, a imperatriz Criança insiste e o velho lê toda a história novamente. Bastian percebe que ele está contando tudo o que aconteceu com ele, reconhece que ele seria o filho de homem que a Imperatriz Criança está chamando para salvar Fantasia e grita em voz alta: "Filha da Lua", nome que dá à imperatriz Criança.

Quando acorda, está em Fantasia, num lugar muito escuro e com a imperatriz Criança, que lhe dá o Aurin, símbolo dos desejos:

Enquanto estava assim sentado, tentando entender a intenção da Filha da Lua ao deixá-lo assim sozinho, sem qualquer explicação e sem uma palavra de despedida, seus dedos brincavam com um amuleto dourado que trazia ao pescoço, suspenso em uma corrente.

Olhou-o e soltou um grito de surpresa.

Era AURIN, a Jóia, o Brilho, o Signo da imperatriz Criança, que transformava seu portador no representante dela! (p. 182)

Em Fantasia, Bastian só se locomove à medida que expressa um desejo através de um pedido e isso o faz perder a lembrança do mundo em que vivia. Porém, esse fato não o preocupava, porque ele não queria viver no mundo da realidade, preferindo permanecer no mundo da fantasia.

Neste mundo, Bastian reina como um rei: cria a Floresta Noturna, chamada Perelim e o Deserto das Cores, Goah. A Floresta cresce à noite, e de dia só existe o deserto. Ali Bastian come e bebe do fogo da Morte Multicolor, chamada Graograman, que possui a forma de um leão, vive durante o dia e, à noite, fica petrificado. Nesse momento, Bastian ganha Sikanda, uma espada mágica.

Bastian deseja a coragem para se assemelhar a Atreiú:

Ser capaz de suportar privações e esforços inumanos é muito bom. Mas ter ousadia e coragem é ainda muito melhor. Gostaria de ter uma verdadeira aventura, que exigisse de mim muita coragem. (p. 193)

Aqui confirmamos a idéia de que as personagens Atreiú e Bastian, mesmo possuindo diferentes características, realizam as mesmas funções. Segundo Propp (op., cit.), por função *compreende-se o procedimento de um personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenrolar da ação* (p.26). Não há dúvida de que Atreiú e Bastian possuem a mesma relevância

na fase inicial da história.

Bastian, dando continuidade a sua aventura, passa para o Templo das Mil Portas e chega à cidade de Amargante, Cidade de Prata. Nesta cidade Bastian conquista a amizade de Atreiú e funda a biblioteca com seu nome e seus próprios livros, num ambiente semelhante ao da livraria do senhor Koreander.

Via-se apenas que as paredes estavam cobertas até o alto por fileiras de livros.

(...) os livros estavam ordenados em seções que tinham placas indicativas: por exemplo, "Histórias Alegres", ou "Histórias Emocionantes", ou ainda "Histórias Sérias", "Histórias Curtas", e assim sucessivamente.

No meio da grande sala circular havia no chão uma inscrição bem vistível, que dizia:

BIBLIOTECA

DAS OBRAS COMPLETAS

DE BASTIAN BAL-TASARBUX (p. 241)

Essa atitude de Bastian, de querer mostrar suas próprias histórias, ser o criador de suas mensagens, reafirma o que já demonstramos anteriormente: o caráter de rejeição da criança por muitos textos escritos para elas. Essa rejeição se explica porque a literatura infantil, sendo escrita pelo adulto, muitas vezes coloca a criança no papel passivo, sem dar-lhe condições de ser participativa na construção do texto. A rejeição pode ser caracterizada em função de as obras apresentarem caráter de puerilidade e tom moralizante.

Esse tom se deve à ligação que a literatura teve com a pedagogia no seu papel de transmissora de valores. A escola, por ser incumbida dessa transmissão, sentiu a necessidade de oferecer à criança material diferenciado para cada fase de sua evolução psíquica e, com isso, associou a literatura infantil à educação.

Zilberman, em *A literatura infantil na escola* (1982), afirma que o relacionamento social tem continuidade na escola, pois é ela que desempenha o papel de integradora do ser humano na sociedade:

Cabe verificar se é possível a elaboração de um modelo crítico da família, investigando quais os seus efeitos em termos de representação, quando se pensa que a literatura infantil permanece circunscrita aos ideais expostos no início: os da vida burguesa, batizados pela valorização da vida doméstica controlada pelos adultos e a posse de um conhecimento universal, nem sempre pragmático, transmitido pela escola, senhora dos códigos dominantes. (p. 90)

A partir daí cria-se a relação entre o ensino e o livro literário, o primeiro visa a uma literatura pedagógica com caráter utilitário, pois serve de veículo de transmissão de experiências dos adultos e, o segundo, por apresentar um contexto ficcional através de uma linguagem simbólica, também apresenta o caráter pedagógico, mas de forma descontrada.

Sosa (op., cit.) explica que as obras literárias de caráter puramente instrutivo não atraem a criança e geralmente são repelidas por elas. Por isso, dificilmente esse tipo de literatura alcançará o seu propósito. Assim, a literatura mais proveitosa à criança será aquela que apresentar, entre outros, esses dois aspectos: a distração, com o objetivo de preparar a criança, e o prazer que irá atender às necessidades infantis. Só dessa forma a literatura infantil conseguirá exercer uma influência saudável no desenvolvimento da mente infantil. Como o próprio autor explica:

Não obstante esses problemas intrínsecos à função da literatura infantil, é ela quem, por si mesma, estimula, nas crianças, interesses adormecidos que esperam que essa espécie de varinha mágica os desperte para aspectos do mundo que as rodeia; age sobre as forças do intelecto, como a imaginação ou o senso estético, que precisam do impulso de correntes exteriores para adquirir pleno desenvolvimento na evolução psíquica da criança. (p. 29)

Com isso, justifica-se que a função da literatura infantil, além de servir de instrumento educativo, consiga “representar” os problemas da criança, partindo de suas próprias necessidades. A literatura infantil serve como veículo representativo dos problemas apresentados pela criança, conflitos da alma e da mente. Esta “representação” é feita através do elemento maravilhoso, a magia caracterizada pelo sobrenatural.

O extraordinário, os elementos simbólicos que surgem a partir do criador, apresentados na literatura infantil, juntamente com a criatividade da criança, irão dar prazer e estimular a sua imaginação, cativando, assim, a atenção da mesma pelo livro e proporcionando a ela idéias novas. Por isso, a imagem, na concepção de Sosa, é para a criança

como um gráfico exato de nossa voz interior mais íntima e justa na tradução da realidade que desejamos expressar. Primeiro, ela é, na criança, um atributo comparativo por necessidade, ou por simples pobreza de linguagem; depois, converte-se em necessidade expressiva, por ser o elemento

que melhor se adapta à sua psicologia diversa. (SOSA-OPCENTRA, cit., p. 72)

O oferecimento das imagens auxiliará a criança a compreender a realidade de que a cerca, assim como o homem primitivo também buscou no elemento simbólico explicar o seu temor diante do mundo e encontrar uma explicação necessária para as coisas. A obra analisada, neste trabalho monográfico, revela que estamos tratando de um narrador preocupado com os segredos da vida. Ele utiliza a realidade como matéria prima, falando das ações e reações do ser humano, mas emprega o símbolo para narrar estes mistérios.

Com isso, explica-se a existência do AURIN, que será o elo de ligação entre o mundo “real” de Bastian, o mundo da fantasia de Atreú, e, ainda, a nossa realidade enquanto leitores, porque a insígnia Aurin está representada na capa do livro *A história sem fim*, que nós leitores estamos lendo, na capa do livro *A história sem fim*, que Bastian está lendo e no livro *A história sem fim*, que está sendo escrito pelo velho da Montanha Errante.



Dessa forma, o símbolo caracterizará o mundo vivido por Bastian, o mundo percebido por Bastian através de Atreú, personagem que recebe o símbolo da imperatriz Criança e é mencionado como “mensageiro”, e também nosso mundo enquanto leitores nos identificando com o protagonista Bastian, revivendo nossa história de crianças.

Outro elo existente entre o real e a fantasia é o estilo gráfico com o qual *A história sem fim* é escrita, pois é apresentada em duas cores diferentes: uma verde-azulada, para caracterizar a história que Bastian está lendo, e outra vermelha, para caracterizar a história de Bastian. Desse modo, ao concluirmos a leitura do livro, verificamos que ambas as histórias, a de Atreú e a de Bastian, terminam juntas, pois na verdade são uma só.

Como vemos na ilustração acima, no símbolo Aurin há a união de dois extremos, um claro e o outro escuro, representados pela serpente que morde a própria cauda. Segundo o *Dicionário de símbolos* (1998), no verbete serpente, há referência a um tipo de serpente que se assemelha à do símbolo, chamada de Uróboro e que significa:

animadora universal, não é apenas promotora da vida, mas da duração: cria o tempo, como a vida, em si mesma. É frequentemente representada sob a forma de uma corrente retorcida a corrente das horas. (p. 816).

Assim como a serpente se autofecunda e cria o tempo em si mesma, a personagem Bastian também necessita de um tempo próprio para entender o mundo que a cerca, a vida social e os sentimentos humanos. Como nos mostra a passagem a seguir, Bastian precisa chegar à autotransformação, compreendendo seu processo de crescimento pessoal:

Finalmente, seus passos levaram-no à Casa Mutante para que ali ficasse o tempo necessário até encontrar a sua Verdadeira Vontade. Porque a Casa Mutante não tem esse nome só porque está sempre mudando, e sim porque também modifica as pessoas que nela habitam. E isso era muito importante para o menino que, até aí, sempre quisera ser uma pessoa diferente, mas sem se modificar. (p. 355)

Segundo a mesma fonte, a Uróboro representa, ainda, a passagem da morte para uma nova vida, ela

é transmutação perpétua de morte em vida, pois suas presas injetam veneno no próprio corpo ou, segundo os termos de Bachelard, a dialética material *da vida e da morte, a morte que sai da vida e a vida que sai da morte*. (p. 816).

Essa transmutação de morte em vida é representada, na obra *A história sem fim*, pelas etapas vivenciadas por Bastian a partir da posse do Aurin e que já foram citadas anteriormente.

Bastian, em seu processo de “desejar”, possibilitado pelo Aurin, passa por momentos determinantes e significativos. A princípio, todo o povo de Fantasia procura por Bastian, o Salvador, e o segue em sua caminhada. Quando chegam no Castelo Encantado de Horok, em forma de mão, habitado por Xayíde, uma feiticeira malévola, Bastian sofre a influência de Xayíde e a tem como sua confidente. Xayíde dá para Bastian um cinto mágico, Guemal, que é o causador da destruição da amizade de Bastian e Atreú.

Atreú quer tomar de Bastian o símbolo Aurin, porque sabe que o medalhão exerce sobre ele o poder de retirar as lembranças do mundo real. Bastian não acredita em Atreú e o considera um traidor. Bastian está feliz em Fantasia, porque nesse lugar ele ganhou uma aparência de príncipe, conquistou a força, a

coragem e tudo o que desejava. Com isso, ele não queria voltar ao mundo real. Atreú, no entanto, não abandona Bastian, mas se mantém à distância.

Uma noite, Bastian, Atreú e Xayíde são levados para o Mosteiro das Estrelas, Guigame, onde Bastian é questionado sobre Fantasia. Xayíde mantém uma forte influência sobre Bastian e o convence a se proclamar imperador de Fantasia. No dia da coroação, Atreú ataca a Torre de Marfim, centro de Fantasia, que primeiramente era a morada da imperatriz Criança e agora, de Bastian, destruindo o desejo de Bastian e sendo ferido no peito.

Fuchur leva Atreú para longe, mas Bastian pega seu cavalo e vai atrás de Atreú, prometendo vingar-se. Bastian chega à cidade dos Imperadores Antigos e encontra muitas pessoas que não sabiam o que queriam e nem para onde iam. Isso faz com que Bastian compreenda que Atreú o havia salvado da maldição do símbolo e tente encontrar o caminho para o seu mundo: a realidade.

Através das adaptações, Michael Ende consegue fazer o leitor-criança interagir com a personagem e viver seus (da personagem) conflitos. Na obra *A história sem fim*, quando Bastian chega à Casa Mutante e conhece a dama Aiutola, que lhe dá carinho e conforto, o leitor também a identifica como uma possível mãe:

Bastian foi assaltado pelo desejo quase irresistível de correr para ela de braços abertos, gritando “Mãe! Mãe! Mãe!” Mas dominou-se. Sua mãe morrera e certamente não estava aqui, em Fantasia. Esta mulher tinha o mesmo sorriso terno e a mesma maneira de olhar que inspirava confiança. (p. 353)

Defrontamo-nos aqui com a união do real e do sonho, porque esta passagem é contada no livro pelo próprio Bastian. Ele passa a reviver na Casa Mutante o carinho, a atenção, e tudo o que recebia da mãe quando criança pequena. A casa tem um significado especial para todo ser humano. Bastian precisava voltar a ser pequenino para sentir-se protegido e compreender a perda materna. Esta regressão é necessária para tornar Bastian um ser mais seguro de si próprio e é representada na obra pelo fato de Bastian dormir num berço de bebê:

Olhou à sua volta e viu que estava em um quartinho muito confortável... dentro de um berço! É certo que se tratava de um berço muito grande, ou melhor, tão grande como devia parecer a uma criança pequena. (p. 359)

Em relação a esse aspecto, explica Bachelard:

A casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes. (p. 26)

A ruptura do cordão umbilical ocorre quando Bastian deseja o poder de amar. Assim como Bastian precisa passar pela casa nova para meditar e encontrar a sua Verdadeira Vontade, por ele compreendida como sendo o poder de amar, ao mesmo tempo em que realiza seu desejo precisa dar algo de si em troca, ou seja, precisa esquecer as mais puras lembranças de felicidade: o pai e a mãe.

Como Bastian, nós, leitores, também somos chamados para parar um pouco no nosso ritmo diário, nos voltarmos ao nosso mais profundo íntimo e sonhar com aquilo que mais nos trouxe felicidade: a simplicidade vivida em nossas casas quando crianças. Bachelard ainda acrescenta que a casa:

não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, retornam as lembranças das antigas moradas, transportamo-nos ao país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. (BACHELARD, op., cit., p. 25)

Ao entender sua Verdadeira Vontade, Bastian precisa procurar o velho mineiro Yor. Encontra-o numa velha mina. O menino permanece na mina até reconhecer uma imagem que lhe traga alguma recordação. Após muitas escavações, vê a imagem do pai e começa a chorar.

O velho Yor diz a Bastian que agora chegou a hora de procurar as Águas da Vida e que a imagem de seu pai o conduziria ao caminho certo. Bastian segue o caminho da intuição e, numa certa altura, encontra os Aiaiai, os seres mais infelizes de Fantasia, que Bastian havia transformado em borboletas-palhaço. Elas, com suas gargalhadas, destroem a imagem de gelo carregada por Bastian, fazendo-o esquecer o seu próprio nome.

No enredo, a passagem em que Bastian necessita cruzar as Águas da Vida reforça a transmutação da morte em vida, porque Bastian precisa esquecer-se de si próprio para renascer novamente. Podemos comprovar o exposto a seguir:

De modo que Bastian viu-se finalmente, nu e solitário, frente ao grande círculo dourado, de cujo centro brotavam as

Águas da Vida, formando um jorro d'água semelhante a uma árvore de cristal.

E uma alegria encheu-o da cabeça aos pés, a alegria de viver e de ser ele próprio. Porque agora não sabia outra vez quem era e a onde [sic] pertencia. Nascera de novo. E o melhor de tudo era que queria ser precisamente quem era. (p. 381-382)

A transformação de Bastian só foi conseguida após uma longa caminhada, pela qual ele passa a entender o seu interior, a gostar de si próprio e aceitar-se como é. Assim como Bastian precisa compreender que não é importante a aparência física para ser feliz, nós, leitores, também fazemos uma reavaliação de nossos valores internos e sentimentos.

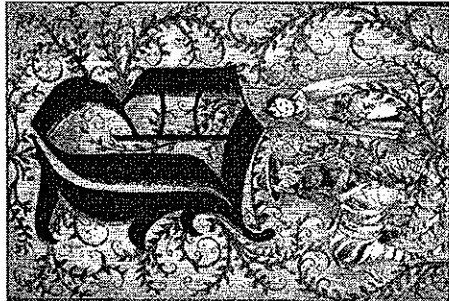
A preocupação do autor em situar na obra é perfeitamente previsível na medida em que, como já afirmamos anteriormente, os autores fazem adaptações para aproximar seus textos dos leitores. Em termos visuais esta obra não pode ser caracterizada como uma obra que priorize gravuras ou desenhos. Entretanto, essa adaptação do meio se dá por um detalhe que é apresentado no início de cada capítulo.

Os capítulos de cada história são apresentados por uma página que lembra a página de rosto de qualquer obra e é indicada por um número escrito em romano. A letra inicial da história foi concebida em tamanho grande, bem desenhada, em estilo gótico e, abaixo ou dentro dela, pois depende da forma da letra inicial da história, há gravuras dos personagens que participam do enredo de cada capítulo. As cores utilizadas são as mesmas da história: o vermelho e o verde-azulado.

Essa letra inicial, segundo Luís Camargo, se chama capitular. Ela pode

ser do mesmo tipo usado no texto em tamanho maior, em negrito ou itálico; ou de tipo diferente; ser ornamentada ou acompanhada por um desenho relativo ao texto. (CAMARGO, 1995, p. 16)

Dessa forma, é apresentado ao leitor, através das ilustrações contidas na página inicial de cada capítulo, um resumo da história a ser narrada. Um exemplo é a página 28, onde a letra B está em destaque e indica a palavra BASTAVA. Abaixo dela estão os personagens Cairon, metade homem e metade cavalo, e a imperatriz Criança. Estão rodeados por ramos, que podemos classificar como videiras. Estes ramos acompanham todas as páginas do livro na parte superior, de forma aberta, como se indicassem seqüência e continuidade de fatos, como o próprio nome da história sugere: *A história sem fim*.



Esse tipo de ilustração Luís Camargo chama de *cabeção*, que é a *vinheta* que ocupa o alto de uma página de começo de capítulo (p. 16) e a utilização dessa vinheta reforça o resgate da fantasia, criando um ambiente propício para sua realização:

Do francês *vignette*, pequena vinha, estes ornamentos representavam, na origem, cachos e folhas da videira, símbolo da abundância. (p. 16)

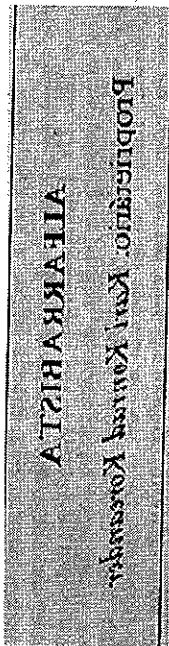
A representação gráfica das vinhetas, no alto das páginas do livro lido, pode ser entendida como ganchos deixados pelo autor, Michael Ende, ao leitor, demonstrando a continuidade já identificada.



Outro aspecto inserido no interior de *A história sem fim* e que aponta para o mesmo fenômeno (ganchos que propõem a continuidade de histórias) são as interrupções bruscas da narrativa, como demonstra a passagem abaixo:

O velho Cairon nunca mais voltou à Torre de Marfim. Mas também não morreu, nem ficou vivendo com os Pelos Verdes do Mar das Ervas. Seu destino iria conduzi-lo por um outro caminho, totalmente inesperado. Mas essa é uma outra história, e deverá ser contada em outra ocasião. (p. 45)

Ainda relacionado com a apresentação do texto, observamos o seguinte desenho na primeira página do livro:



A inscrição, de trás para frente, indica que, neste momento da história, nós, leitores, estamos ocupando o lugar da personagem Bastian, que está dentro da loja olhando para fora. Por isso, a escrita da placa está invertida, o que propõe uma brincadeira ou jogo e torna a narrativa mais atraente ou misteriosa.

Esta inscrição encontrava-se na porta envidraçada de uma pequena loja, mas, naturalmente, só tinha este aspecto quando, do interior sombrio da loja, se olhava para a rua através da vidraça. (p. 171)

Luís Camargo (op., cit.) explica que a ilustração dialoga com o texto, pois descreve objetos, cenários, personagens, e assim por diante. Ela apresenta uma idéia, conta uma história e chama a atenção para o caráter metafórico da história, que não é apenas uma *historinha pueril*, mas *história sobre gente e suas dificuldades de relacionamento* (p. 36).

Todas as características que *A história sem fim* apresenta se devem aos fatores de adaptação já citados, no sentido de se aproximar da criança e, ao mesmo tempo, poder ser compreendida pelo adulto, ou seja, o adulto poder novamente buscar sua identidade infantil. Assim, estamos lendo a história da vida real de Bastian, que precisa ser vista de forma transparente para ser compreendida. Bastian, por sua vez, está lendo as aventuras de Atréu e também participando delas, o que para ele assume índices de "realidade". Finalmente, nós o acompanhamos com nossa leitura, porque nossa história também está sendo contada.

Não devemos deixar de citar que *A história sem fim*, que Bastian está lendo, tem por espaço um lugar chamado Fantasia, descrito de maneira a lhe dar significação. Fantasia significa criatividade, espaço não localizável no mundo real, assim definido pelo narrador:

Os países e os mares, as montanhas e os rios não são fixos como no mundo dos homens. Por exemplo, seria completamente impossível fazer um mapa de Fantasia... Os próprios pontos cardeais variam de acordo com a região em que a pessoa se encontra naquele momento. O verão e o inverno,

o dia e a noite, obedecem a leis diferentes em cada região... Não há neste mundo distâncias mensuráveis e portanto as palavras "perto" e "longe" não têm qualquer significado. Todas essas coisas dependem do estado de alma e da vontade daquele que segue um determinado caminho. (p. 143).

Após perder o último e mais significativo elo entre Fantasia e o mundo real - a perda da identidade representada pelo esquecimento do nome próprio -, Bastian, sem saber o que fazer, se ajoelha na neve e, ao levantar os olhos, vê a sua frente Atreiú e Fuchur. Bastian coloca o símbolo Aurin aos pés de Atreiú e este assume a forma de duas portas enormes: uma branca e outra preta. Ao mesmo tempo, Fuchur conversa com as águas que lhes perguntam seus nomes. Bastian não responde, pois esquecera o seu. Atreiú, entretanto, responde por ele e assume a tarefa de continuar as histórias de Fantasia.

Bastian entra na porta escura, toma um banho nas Águas da Vida e lhe é permitido levar dentro das mãos um pouco de água para o pai. Na outra porta, a clara, reconhece o caminho para o mundo da realidade e assim reencontra a figura paterna. Bastian consegue, então, achar a razão dos seus traumas e reconhece que ama seu pai e que este amor é recíproco. Bastian conta-lhe toda a aventura vivida em Fantasia.

A *história sem fim*, pela simplicidade com que é escrita, provoca no leitor o deslumbramento que a verdadeira literatura se propõe. Desencadeia no seu receptor uma incessante vontade de continuar lendo, envolvendo-o de tal forma que a fusão da realidade com a ficção não é percebida, como aconteceu com Bastian quando iniciou sua leitura. Este livro, portanto, é um tributo à literatura.

CONCLUSÃO

O livro *A história sem fim* revela que a literatura infantil só se concretiza como auxílio à criança no momento em que a entende e a representa como participante de uma faixa diferenciada. Assim, essa obra diferencia-se através de características na forma de apresentação do livro e na habilidade como é narrada, demonstrando a sensibilidade do autor que respeita a inteligência da criança como leitora e amplia sua imaginação, envolvendo-a a ponto de vivenciar os fatos imaginados, tornando-a realidade.

Esse real assumido pela criança proporcionará a ela a ampliação de suas experiências como sujeito e atuará como facilitador para sua integração com o meio externo e interno, resguardando sua individualidade. Por outro lado, nós,

leitores adultos, também somos envolvidos de maneira cativante a cada episódio apresentado, o que nos possibilita a revisão de nossas vivências, mas respeitando, também, a nossa individualidade.

A criança é o centro da narrativa n' *A história sem fim*; através dela o pequeno leitor identifica-se como um ser relevante e necessário para o contexto em que vive, porque sua voz predomina na obra. As ações realizadas pela personagem criança são como desejos de sua própria vontade, demonstrando, dessa forma, as inquietações existentes na criança no período da infância, que também por nós são compreendidas porque já passamos por esta fase da vida. As inquietudes da infância são vividas na obra primeiramente pela personagem Atreiú e depois pelo próprio Bastian, num lugar chamado Fantasia, sem definição de espaço, tempo e predominando somente a magia. A magia fica (paradoxalmente) simbolizada de forma concreta por alguns elementos: uma porta, significando a passagem do real para Fantasia; a doença da imperatriz Criança, simbolizando o esquecimento dos adultos por Fantasia e também pelo chamamento à leitura que nos é direcionado.

Bastian, ao aceitar o convite para ir à Fantasia, encontra a imperatriz Criança que lhe dá um grão de areia, simbolizando uma semente, início de uma nova vida. Assim, Bastian inicia sua aventura em Fantasia e nesse lugar consegue adquirir uma aparência de príncipe, superando o seu trauma de infância, adquirindo força, coragem e segurança, pois acha que as pessoas que possuem essas qualidades são felizes. As personagens adultas, na obra, é que vão lhe mostrar o caminho a ser seguido para encontrar a verdadeira felicidade, e, finalmente, aceitar-se como é. O adulto é representado como um guia, aquele que mostra os caminhos e orienta a criança, anulando a visão do adulto como elemento repressor.

A criança, por sua vez, torna-se determinada e acaba conduzindo a narrativa, definindo o destino do reino de Fantasia. Essa valorização permite que o leitor criança perceba o seu poder de atuação e de autotransformação. Dessa maneira, as mudanças ocorrem de forma salutar, proporcionando-lhe um desenvolvimento autêntico, desimpedido de traumas e ressentimentos.

A família ocupa um lugar de grande influência para o processo de crescimento da criança, pois ela é espaço de afetividade e de transmissão de normas que regem a sociedade. Na obra em questão há uma estrutura familiar diferente da formal, traduzindo com isso maior realidade e enfocando os problemas enfrentados por crianças e adultos numa nova constituição familiar.

A escola, seguimento de integração da criança na sociedade, primeiramente, é mostrada como um lugar de fracasso. Entretanto, o autor consegue redimensionar essa representação, demonstrando que há necessidade de uma

ação recíproca entre família e escola, pois uma não anula a ação da outra. O livro acaba por fazer o leitor perceber a família e a escola como centros não de fracasso e frustrações, mas sim, de lugares onde aprendemos, compartilhamos e crescemos intelectual e afetivamente.

Assim como a criança consegue aceitar o processo de “amadurecimento”, através da leitura, que proporciona a imaginação, o sonho e a criatividade, nós adultos também não podemos perder este poder de sonhar, que já nos foi concedido quando crianças. Por isso, *A história sem fim* nos leva, juntamente com a personagem Bastian, a vivenciar a Fantasia representada no livro como forma de alerta para que não deixemos de aceitá-la em nossas vidas, pois ela nos traz alegria e mexe com nossos sentimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi, revisão da tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Lê, 1995.
- COELHO, Nelly N. *A literatura infantil*. 2 ed. São Paulo: Quiron/Global, 1982.
- CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução Vera da Costa e Silva et al. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- ENDE, Michael. *A história sem fim*. Tradução de Maria do Carmo Cary. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes/Editorial Presença, 1986.
- PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução Jasna Paravich Sathan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil*. Tradução de James Amado. São Paulo: Cultrix, [s.d.]
- ZILBERMANN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 2 ed. São Paulo: Global, 1982.